

# MOCAMBO QUEIMADA MAIRIZINHO

*Comunidades tradicionais  
do Parque Nacional dos  
Lençóis Maranhenses*





Maria dos Milagres e seu Inácio,  
moradores de Mocambo

# O POVO DA MORRARIA

*A vida em três comunidades tradicionais dos Lençóis Maranhenses*

POR LUISA PINHEIRO  
FOTOS DE HERMANO TORRES

**A**reia alva, fina e grudada nos pés é o indício de que a pessoa andou pelas dunas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. É a lembrança que os turistas levam do passeio de quatro horas pelas lagoas mais conhecidas e parte da rotina de 6.500 pessoas que vivem em 42 comunidades nos 155 mil hectares de área protegida.

Alguns desses povoados ainda não têm energia elétrica. A água vem dos lençóis freáticos. Não há postos de saúde e nem de polícia. Para ir ao médico, os moradores devem ir ao hospital no centro de Barreirinhas ou a São Luís, nos casos mais graves. Hoje, muitos têm condições para comprar veículo próprio – Toyotas ou quadriciclos – e fazem o transporte entre essas localidades.

O povoado nada turístico de Mocambo fica na área rural de Barreirinhas, a maior cidade no entorno do parque e a que mais recebe visitantes. Na vila, ainda não há eletricidade e a areia branca avança em direção às casas dos moradores.

Só é possível chegar ao município de Santo Amaro em carros de tração 4x4. O acesso ao oásis da Queimada dos Brito é ainda mais difícil. São cerca de oito horas caminhando pela morraria ou duas horas de

quadriciclo. Só os habitantes dali têm permissão para o uso de veículos motorizados nas dunas.

Primeira Cruz é a segunda cidade mais antiga do Maranhão. Parte de seu litoral é área protegida. Ali há vilas de pescadores como o Mairizinho, onde havia fartura de peixe até a chegada dos barcos de pesca de arrastão.

Na morraria, vive uma gente que reconhece o rastro dos outros na terra. Que toma café com tapioca, com farinha ou com leite mesmo. Uma gente que precisa de licença ambiental para reformar a casa.

Um lugar onde há apenas verão e inverno. A chuva do primeiro semestre enche as lagoas e os rios se o inverno for bom. A partir de agosto, começa a seca, o vento fica mais forte e as dunas se movimentam. Onde há pesca, roça e criação de animais soltos.

Essas atividades prejudicam a conservação da biodiversidade e a manutenção íntegra dos ecossistemas. Em especial a criação de bois e cabras. A vegetação de campos que se forma na área das lagoas durante a seca, por exemplo, tem se desenvolvido em menor quantidade por conta do pastoreio. A flora impede que o lençol freático seque em excesso e também fixa as dunas.

A morraria passou a se chamar Lençóis Maranhenses em 1981. O parque nacional foi uma proposta do Projeto RADAM-BRASIL, que fazia o levantamento dos recursos naturais brasileiros a partir de imagens aéreas. Os motivos para a criação da área protegida foram a beleza exótica do campo de dunas com lagoas sazonais e a necessidade de conservar os ecossistemas locais.

Todo o manguezal na margem do rio Preguiças e parte do que fica a oeste da morraria está fora do parque, assim como a área de dunas conhecida como Pequenos Lençóis. Os limites na unidade de conservação são retas que coincidem em vários pontos com a linha telegráfica da época. Entre 80 e 84, o governo federal criou outros 31 parques para conservar amostras da diversidade natural do país.

O órgão responsável pelas unidades de conservação era o Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal (IBDF). Em 1989, foi criado o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), novo responsável pela gestão das áreas de proteção integral. Os conflitos na relação entre fiscais do meio ambiente e as populações tradicionais já existiam na década de 90 e continuaram após a criação do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) em 2007.

Esse quadro só começou a mudar em 2009, quando uma nova administração assumiu o parque. Agora, em 2013, deu-se início à criação do Conselho Consultivo, previsto por lei desde 2000. O conselho é um espaço de diálogo entre a sociedade civil, o poder público e o ICMBio. Pode ser o meio de alcançar a conservação integral do parque conciliada ao modo de vida tradicional dessas populações.

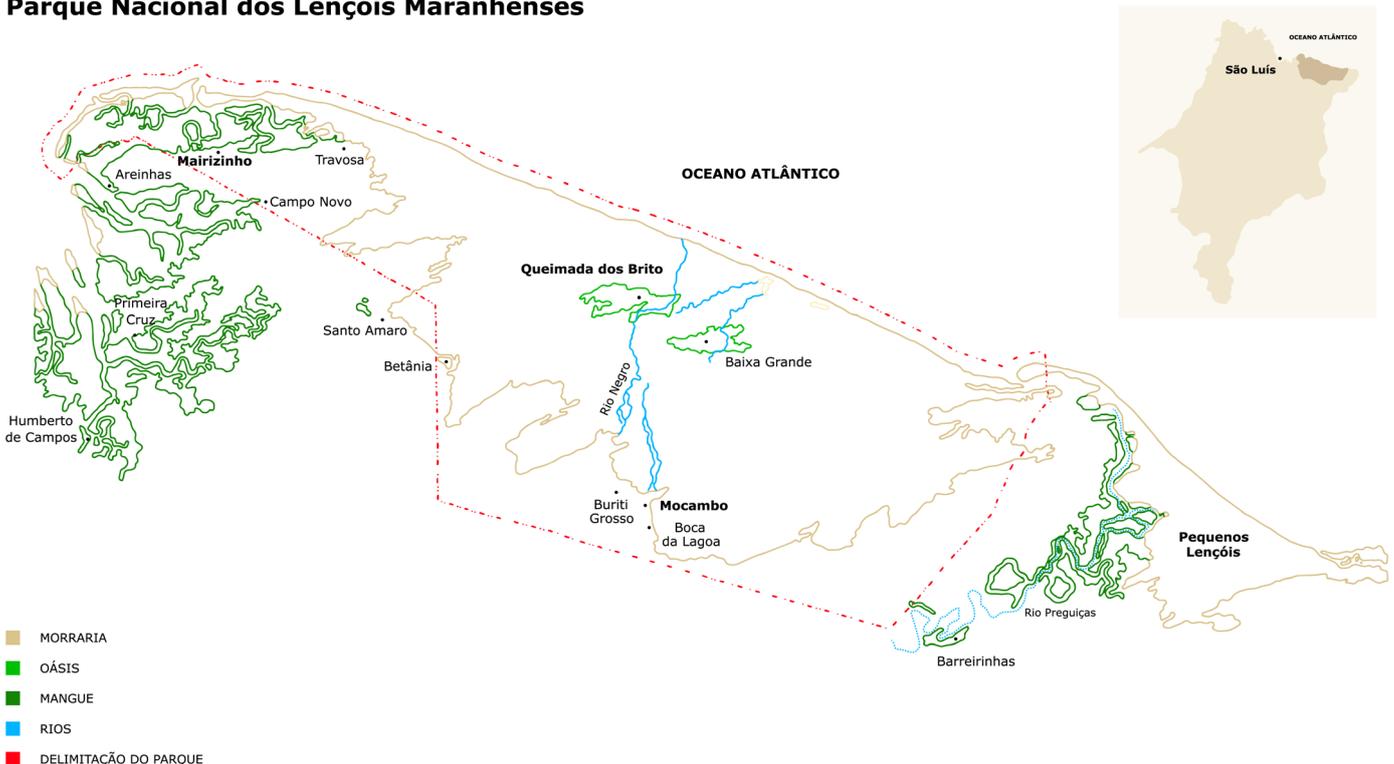
## O MOCAMBO DOS CATÓLICOS

As chuvas cessaram no fim de julho. O inverno foi fraco, meio espalhado. Nada que se compare à seca da década de 70, quando *cabô* toda a água e o buraco da cacimba ficou mais fundo. No Mocambo, a lagoa do banho que antes dava pé agora bate na altura do peito. Quase não se percebe o rio Negro. Há de se pescar todo o peixe que resta nas lagoas mais rasas antes que elas sequem. Os alagados diminuem aos poucos. Já dá de cortar caminho pela vargem e fugir da areia mole. É verão até janeiro.

O povoado fica numa península comprida de terra fértil cercada por montes de areia alva logo ao sul da morraria. É lugar de gente religiosa, sem acesso à energia elétrica, que precisa lidar com o avanço das dunas. Os únicos turistas que um dia foram parar ali estavam perdidos. Um povoado de treze casas. Umas de adobe, madeira e telhado de palha, outras feitas de bloco de cimento ou tijolo, cobertas de telha vermelha ou brasilite. A distância entre a primeira e a última é de vinte minutos a pé.

No inverno, o único caminho é pela areia que afunda, mole por causa do trânsito quase diário de Toyotas e quadriciclos. A partir das 10h, a areia esquenta até ficar insuportável. Não há *chinela* no pé que aguarde. Antes das 15h, as únicas pessoas que se atrevem a passar por ali são as crianças que precisam ir

### Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses



ou voltar da escola. No verão, as áreas alagadas secam e é possível caminhar pela vargem.

A seca facilita a locomoção dentro da vila, mas as lagoas vão desaparecendo e fica mais difícil encontrar peixe. Para chegar até o mar, seria preciso caminhar cerca de cinco horas. Só não acaba a água do lençol freático. Onde quer que se instale uma bomba artesanal, sai água pura, avermelhada, fresca em comparação à temperatura ambiente.

De Mocambo até o centro de Barreirinhas, principal cidade na região do parque, são duas horas de Toyota num caminho desnivelado de areia entre cajueiros, buritizais, pés de mirim e alguma roça. A última meia hora é na estrada asfaltada que liga São Luís a Barreirinhas, construída em 2002, que impulsionou o turismo na região. Há carros de linha que fazem esse trajeto três vezes por semana. Ida e volta custam 25 reais.

Os moradores fazem essa viagem pelo menos uma vez ao mês para comprar mantimentos, ir ao médico, visitar parentes ou sacar dinheiro. São as aposentadorias e o bolsa-família que garantem a renda da família, aliados à pesca, a uma tímida agricultura familiar e à criação de animais soltos, como galinhas, bodes e porcos. Tudo para consumo próprio. O sustento vem também da produção de artesanato do linho do buriti e de trabalhos temporários em farinhadas *pra ajudar a pagar o café*.

Ali vivem cerca de 60 pessoas. Seu Inácio é quem lidera, na falta de um padre, o culto dominical no baracão da igreja. Os dois moradores mais antigos são seu Elóia e Zeca Luna. Ambos perderam a visão do olho esquerdo cortando pau na roça. Dona Zima é a professora da escolinha há 31 anos, e duas de suas filhas também dão aula na região. Todos são parentes, descendentes de cearenses que fugiram de uma seca mais *braba*.

José Inácio Luna, de 66 anos, é um senhor alto, grisalho e conversador. É casado com Maria das Rosas, a dona Dodó, de 62. Eles nasceram, se criaram e vivem no Mocambo. São primos legítimos. O padre de Santo Amaro sabia de antemão da condição de parentesco e mesmo assim casou os dois há 41 anos. Não sem dar a devida penitência: durante seis dias, eles teriam que rezar seis vezes o terço ajoelhados no altar às 18h, quando a igreja estivesse cheia. *Mas o pecado é todo tempo, porque fica junto, né?*

Eles moram no sítio mais próximo da morraria com o neto José Joaquim, de 9 anos, a filha de criação Maria dos Milagres, de 15, e Dona Zezé, uma das irmãs de Dodó. Tiveram nove filhos, morreram dois. Todos já têm família e moram ou em Barreirinhas ou em outros povoados da região. Seu Inácio reclama que hoje não tem nenhum perto pra gritar *Meu filho!* e ser atendido.

As paredes da casa são de adobe, o chão é cimento. Dá pra ver vários exoesqueletos de aranha pendurados



Seu Inácio foi o único morador do povoado a pedir autorização ao ICMBio para construir a nova casa, de blocos de concreto e telhas brasilite.

no teto de palha, denunciando que ele não é trocado faz tempo. Sala com várias cadeiras de plástico esperando a próxima visita. Cozinha com jirau e fogão de barro. Um quarto para a família inteira. Uma das camas é usada como estante. Dormir mesmo é na rede. O quintal tem vista para um alagado e, logo depois, a morraria. O banheiro feito de palha fica fora de casa e ainda não tem fossa séptica.

Desde que seu Inácio foi morar ali, o povo dizia que as dunas iriam avançar para o sítio que foi de seus avós. Isso já faz quase 40 anos. Cresceram os pés de coco, os de buriti e os de juçara. A duna que vinha foi levada pelo vento para outro lado. *Se o morro que tá atrás da casa vier, esse num chega aqui antes de eu morrer*, ele diz.

Na entrada, há telhas, sacos de cimento e blocos de concreto esperando a construção da nova casa. A reforma estava marcada para o começo de outubro, mas foi adiada desde que seu Inácio descobriu que precisava fazer uma angioplastia. Ele fez o procedimento pelo SUS em setembro e ficou internado por uma semana em São Luís. Desde que voltou, dona Dodó fica de olho para que o marido repouse, mas ele sempre dá um jeito de escapar para trabalhar na lavoura enquanto ela está cozinhando.

Seu Inácio tinha 60 anos quando foi ao médico pela primeira vez em Barreirinhas. *Era muito difícil você ver doença em criança, ni mulber e ni gente grande. Fui me consultar ali a primeira vez por causa de uma verruga*

que saiu na minha coxa. Dona Dodó só foi neste ano, por conta de uma alergia na perna que não sarou depois do tratamento caseiro com folha de janaúba. As pessoas do tempo antigo tem saúde porque foram criadas com o pé na areia. *Era tudim nu. Comia terra, fazia o diacho.*

Dona Dodó sabe vários tratamentos naturais. Um deles é o do sapo cortado, que funciona para todos os males. O bicho deve ser cortado do *bumbum* até o meio da barriga e amarrado no lugar da doença. Depois de um tempo, deve ser trocado por outro. *Aqui noisi cura com sapo e benção. Se a doença for muito braba, com meia hora ele já tá pôdi, fedendo.* Se o sapo cantar depois de ser retirado, a pessoa não resiste. *Fiz ali prum cumpadi meu, nós botemo foi três. Ô meu Deus, pessimidade doida. Eles cantavo tudinho, aí nos fiquemo logo assombrada.*

Ela aprendeu esse método com uma parteira de antigamente, do tempo em que as mulheres tomavam cachaça com unha de boi e osso de mucura na preparação para o parto. A mulher tinha o filho deitada numa esteira de palha de coco que machucava as costas. Durante uma semana, ela não podia nem sair do quarto, comendo frango capão e pirão. A mãe só saía para banhar depois de onze dias. *Ficava limpinha a barriga. Inteirava trinta dia, tava gorda que só. Leite até no meio da canela. A gente tinha coragem, mermã. Tive nove filho, nunca fui no hospital. Graças a Deus.*

Não passa das oito horas da manhã e o sol ainda está frio, mas seu Inácio veste camisa de mangas compridas e um chapéu que cobre todo o rosto para me levar até sua roça. Maria dos Milagres e Rabito, o cachorro da família, nos acompanham. Para chegar até o primeiro cercado, é preciso atravessar um alagado. Seu Inácio levanta a barra da bermuda. Uma aranha pega carona na sua perna durante algumas passadas, mas ele nem percebe. O primeiro roçado é basicamente de capim, que serve como alimento para os animais. Lá, ele aproveita para encher uma saca com a ração antes de seguir para o outro lado.

Subimos algumas dunas e seu Inácio conta que onde agora há areia era um matagal medonho de tucum, cajueiros e mirinzais. Os morros passaram por cima de tudo. Pouparam o cercado, moldando um pequeno oásis, onde se planta mandioca, melancia, arroz e milho. Restaram também algumas árvores sobreviventes e as lagoas que enchem a cada inverno. Na volta, seu Inácio e Milagres param nos mirinzais carregados do pequeno fruto preto que lembra uma azeitona. É em setembro que se inicia a época dos frutos. Enchem as mãos e colocam todas na boca ao mesmo tempo. A cena se repete até que o calor os incomoda, já são quase dez da manhã.

O vento também poupou até há pouco a casa de seu Zeca Luna, de 87 anos. Ele é tio de seu Inácio e



É necessário cruzar dois alagados e subir algumas dunas para chegar às roças de seu Inácio. As folhas da mandioca ficam murchas devido ao calor intenso. Ele também planta capim para a ração dos animais e melancia, que não cresce muito e tem um sabor quase salgado.

de dona Dodó. Ficou viúvo há seis anos e mora com a caçula, o genro e cinco netos. Perdeu o olho esquerdo em decorrência de um acidente na lavoura. Seu Zeca fala pouco e devagar. A filha Luzia, de 45 anos, antecipa algumas de suas respostas. *Tá com trinta anos que aconteceu. Ele roçando dia de sábado, cortou o pau e, quando viu, o pau tava no olho. E nesse tempo nem foi pra São Luís. Foi pra Barreirinhas. Não foi, pai?*

Há dunas por todos os lados. A mais próxima está a cerca de dez metros da entrada lateral que dá para a cozinha. *Pra esse morro chegar aqui foi uns três anos ou antes. Ele custa. Quando tem morador, custa mais. Era lonjão quando eu era pequena.* Seu Zeca concorda. Agora que a duna tá bem aí, o jeito é se mudar. Pra frente. Mas só vai começar a construir quando a areia bater na porta. Falta pouco. *Este ano o vento já está jogando mais terra do que no ano passado. Tá entrando dentro de casa já, avalia o marido de Luzia.*

Rosimar, de 30 anos, bem que tentou fugir desse problema quando construiu sua casa. A sobrinha de seu Inácio é quem dá aula de catequese para as crianças do Mocambo. O lugar antes era só mato. O marido dela, José Fábio, roçou, cortou as árvores, tocou fogo e alimpou. Por dois anos o casal e as três filhas moraram numa casinha de palha. De palha mesmo, até a parede. Em 2009, construíram uma de tijolos e telha vermelha, uma casa como a de qualquer outro interior maranhense.

O sítio fica no extremo sul do povoado. Seria o mais longe da morraria se as dunas não tivessem avançado pelos dois lados das casas, transformando o Mocambo numa reentrância. *É, a gente se enganou. Por que já olhou ali?* Rosa aponta para a janela a minha esquerda. *Não vê o morro pertinho? Não tem como fugir não.* Perto não está, mas a areia pode ser um incômodo algum dia. Ou, se seguir a lógica de Zeca Luna, vai custar ainda mais porque há pessoas morando.

Rosa vai a cada quinze dias a Barreirinhas para terminar o supletivo do ensino médio. Ela voltou a estudar recentemente para assumir a escola de Mocambo quando a mãe se aposentar. Luzimar, de 52 anos, é a professora da Unidade Escolar Silvamar há 31 e se orgulha da futura aposentadoria por tempo de trabalho. Teve seis filhos, nunca casou. Ficou sozinha depois que a mãe dela e de seu Inácio faleceu. Hoje mora apenas com o caçula, único filho homem.

**É**a véspera do 7 de setembro e dona Zima, como Luzimar é chamada, esqueceu de avisar a seus alunos que seria feriado. A aula começa às sete e meia, mas as crianças fazem questão de chegar pelo menos vinte minutos antes. Uns copiam adivinhações de um livro. Outros treinam a leitura que terão que



Depois do almoço especial com galinha caipira e refrigerante quente, Dona Zima e suas *cumadres* assaram bolos no forno de barro.

apresentar em voz alta. Tudo sem tirar os olhos dos marimbondos que construíram uma casa no barracão da escola há algumas semanas. Até o quinto ano, a turma é mista. Os mais velhos estudam no povoado vizinho de Buriti Grosso, da cidade de Santo Amaro, que tem até o ensino médio.

Quando Dona Zima chega acompanhada de sua neta mais velha, uma das filhas de Rosa, todos pedem bênção. Ela é uma senhora morena de cabelos encaracolados e bem pretos. As crianças mostram orgulhosas suas unhas limpas e cortadinhas. No dia anterior, ela checou os dedos dos meninos e deu uma bronca. *Como é que pode esses mininos andarem com as unhas tudo suja?* Ela explica, então, que não haveria conteúdo novo naquele dia. Rezam o pai nosso, cantam o hino nacional. Brincam de jaca-jacaré, uma variação de vivo ou morto. Fazem um bingo de palavras. Cada um lê um trecho de livro a sua escolha. A professora encerra a aula e não são nem dez horas.

No caminho de volta, ela me mostra por onde passava o rio Negro. Ele nasce num povoado próximo, atravessa a morraria e desemboca no mar. Foi essa a referência para a divisão dos municípios de Santo Amaro e Barreirinhas. Há casas dos dois lados, mas o povoado pertence mesmo a Barreirinhas. Tem uns três ou quatro anos que o rio secou, não correu mais por causa das dunas. O morro tapou e agora o rio passa pelo Buriti Grosso. Onde antes havia fartura de peixe o ano inteiro, corre apenas um filete de água escura.

Dona Zima conta que tinha muito negro na época dos primeiros moradores. *Eles vinha e se escondia, aí botaro o nome de Mocambo. Depois não ficou nenhum, porque eles vão embora quando o lugar começa a crescer. O povo diz que aqui nunca vai nada pra frente porque é mocambado. Mas tem que desembocar, né? Embarcado se diz do povoado que não vem nada, que o povo não se interessa por nada. É o povo do lugar que faz embarcar.*

A casa de Dona Zima é nova, foi reformada ano passado. Há duas cozinhas. Uma fica na parte de den-

tra da residência, tem fogão a gás e pia com torneira. A outra, anexa ao quintal, é a mais usada. Com jirau, fogão de barro, mesa de vários lugares e uma rede feita de fibra de buriti. O telhado é de madeira. A galinha caipira do almoço ficou por conta de Rosa e Miriam, a filha caçula, enquanto Dona Zima me falava sobre a escola do Mocambo.

*Óia, esse colégio ele já passou por muito lugar. Eu ensinava num barracãozinho feito de faxina [um estilo de trançado na madeira] lá na casa de seu Elóia, que era meu cunhado, depois na casa do Inácio e de lá eu me mudei pra igreja. E aí fizeram aquele barracãozinho da escola. Ele tava pra cair. Caiu calçada, caiu reboco. A reforma foi ano passado e agora tá aquele jeitinho mais ajeitadinho. Mas não tem banheiro, é muito ruim.*

Junto com a reforma, veio a instalação de uma placa solar, a única fonte de energia do povoado inteiro. Tudo doação da Igreja Batista de Barreirinhas, que desde então celebra um culto uma vez ao mês ali no Mocambo, uma comunidade inteiramente católica.

**E**ra a manhã de 8 de setembro. Domingo, dia de reunião no barracão da igreja. Seu Inácio reclamava com dona Dodó. A camisa que ele queria usar estava na casa do filho em Barreirinhas, mas aceitou vestir outra com botões dourados junto com a calça comprida. Levou o sapato social na mão porque no caminho há de se passar por um alagado. Saiu cedo de casa com o neto Joaquim para varrer o barracão e as folhas da entrada. Maria dos Milagres foi depois para organizar as cadeiras. O povoado estava ansioso para se reunir e rezar. Na semana anterior, haveria o culto evangélico, mas o pessoal de Barreirinhas não apareceu, nem mandou recado. O povo de Mocambo passou a manhã inteira esperando no barracão da escola.

Numa comunidade onde até os mais novos dizem que *graças a Deus ali não é uma terra de vícios*, os moradores ficaram apreensivos quando os evangélicos apareceram da primeira vez. Eles aceitam até certo ponto a influência evangélica e garantem que a pastora Sueli não vai conseguir levar ninguém do Mocambo pra igreja dela. A fé no catolicismo permanece inabalada. Seu Inácio foi quem defendeu a aproximação da Igreja Batista. *Jesus Cristo disse assim: "Eu sou o bom pastor e minhas ovelhas conhecem a minha voz". Eles vêm com paz. Vamo acolher eles também com paz. Agora se eles chegarem diferente, dizendo que a gente tem que entrar na seita deles, aí, companheiro, então não venham mais, tchau e terminou-se a conversa.*

Naquele domingo, dona Sueli apareceu de surpresa no barracão da igreja. Chegou meio cismada, convidando todo mundo para acompanhá-la até a escola, dizendo que o culto seria lá. *Vamo, siô, o carro cabe*



Toda visita em Mocambo termina com a pergunta: *Você vai no domingo lá no barracão da igreja?*

*tudinho*. Ela tentou avisar seu Inácio na véspera, mas não conseguiu ligar para ele. No Mocambo, o celular só funciona se estiver conectado a uma antena, mas o sinal não é constante.

O povo não queria ir depois de passar o domingo anterior esperando em vão. Não avisaram com antecedência, agora eles não iriam cancelar a celebração católica. O pessoal de Barreirinhas que fosse até lá. O culto não é realizado na igreja porque há um pequeno altar com uma estátua da Virgem Maria e dois retratos de santo na parede. Seu Inácio foi enfático. *Não senhora, não entre nessa. Vá buscar o seu povo. Esse povo que tá aqui é que não quer ir pra lá, porque aqui é a casa das nossas orações. Nos não podemos ir pra lá. Vá buscar o seu povo.*

Houve uma celebração mista: cantos católicos puxados por dona Dodó, a liturgia da palavra, cantos evangélicos com coreografia e a coleta. Dona Sueli foi convidada a pregar após a leitura dos salmos. Ela leu o 128 puxando os erres com um sotaque do interior de São Paulo: *Bem aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos. Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irás bem.*

No meio de uma longa pregação sobre como Deus valoriza o homem que trabalha, ela contou uma piada de um baiano que preferiu morrer de fome deitado numa rede do que plantar arroz. Todos riem. Sueli tem marido maranhense e mora em Barreirinhas há

três anos. Perguntada se ela tem algum tipo de preconceito contra nordestino, ela desconversa e sobe na Toyota alugada rumo a outra celebração no povoado vizinho de Boca da Lagoa.

Seu Inácio assume o papel de líder religioso da comunidade. Sempre conduz a celebração de domingo e é famoso por suas bênçãos. *Um tempo desse veio 25 pessoa lá de São Luís pra mim benzer eles aqui. Eu comecei era uma hora da tarde. Deu seis hora e eu não terminei de benzer eles não. Deixei pro outro dia.* Um sábado depois de dar aula de catequese para as crianças, Rosa apareceu na casa do tio pedindo pela bênção. Deixou as filhas na cozinha e foram os dois para a frente da casa, onde o ritual foi feito em privacidade. Na mesma semana, uma irmã de Rosa que mora em Barreirinhas e que voltou a frequentar a igreja recentemente, ligou para seu Inácio. Passaram quase vinte minutos orando à distância.

**N**a mesa alumada pela única lâmpada da casa, pendurada exatamente entre a sala e o quarto, Milagres lê em voz alta uma passagem da Bíblia. É o capítulo quatro do evangelho segundo Mateus, quando Jesus é tentado no deserto por Satanás depois de jejuar por quarenta dias e quarenta noites. Seu Inácio e Dona Dodó iniciam uma longa conversa sobre o texto. Eles discutem sobre religião todas as noites depois de jantar. Joaquim está dormindo numa rede e Milagres não presta muito atenção, está bocejando. *Já são é oito e quarenta e cinco!*

Seu Inácio não dá fé pro comentário. *Se tivesse luz, tu ficava acordada era até onze hora fazendo sacola.*

*Vendo novela!*, sussurra ela.

Cada família tem uma lâmpada como a da casa de seu Inácio. Essa luz é movida a bateria, carregada uma vez por mês em povoados vizinhos que têm energia elétrica. Quando ela não funciona, a rotina da casa não muda muito. Como só há a lâmpada fixa, eles dependem principalmente das lamparinas a óleo feitas em pequenas garrafas de refrigerante ou de creme para o cabelo.

Mocambo é um dos poucos povoados na região dos Lençóis Maranhenses que ainda não tem eletricidade. Os vizinhos de Boca da Lagoa, também do município de Barreirinhas, e de Buriti Grosso, em Santo Amaro, possuem energia elétrica há mais de dois anos. Nunca foi feito o estudo para implantação da rede, mas os moradores especulam que seria mais fácil a energia chegar da Boca da Lagoa por estar mais perto e que seria necessário no máximo um quilômetro de fiação até a primeira casa.

*Num é possívi que agora num vem energia pra nós. Agora tá liberado, num tá? Só o que falta mesmo é só nosso lugar aqui,* reclama seu Elóia, de 86 anos. Ele é

filho de outras terras e se casou com uma irmã de seu Inácio e dona Zima. Dona Joana faleceu há três anos por conta de um vento ruim e hoje seu Elóia mora com uma neta de 13 anos que cuida da casa. Mas não desistiu de arranjar uma mulher. Está disposto a pagar 100 reais e a deixar o sítio de herança para quem casar com ele. Fã do cantor paraense Pinduca e de Frank Aguiar, tem olhos azuis, anda sempre sem camisa e com um chapéu preto rasgado. Não enxerga direito de um dos olhos, porque sofreu um acidente na roça parecido com o de seu Zeca Luna.

Elóia é o único dali que tem uma geladeira movida a gás. *A gente gasta pra disgranha. O gás é 65 reais. O meu filho Zé Maria tem, um rapaz bota ele pra vender. Mas na Barreirinha é 52. O bujão dura vinte dia. É que aqui não é só eu. Os filho tudinho bota água pra gelar. E aí veve cheia de água, de carne, de peixe, aí gasta muito, gasta ligeiro.*

Foi Zé Maria, o Curía, de 41 anos, quem vendeu as lâmpadas e as baterias para os parentes. É o *camelozêro* do interior, vende gasolina, gás, roupinha, tudo para inteirar o bolsa-família. Esperando a eletricidade, comprou geladeira e televisão há cinco anos. A geladeira ele revendeu. Às vezes assiste TV no barracão da escola, mas a energia é frágil e usada principalmente para carregar os celulares das famílias.

Os moradores de Mocambo entraram com o pedido para instalação da rede elétrica junto à Companhia Energética do Maranhão (Cemar). O cadastro para ligações novas foi feito, mas não saiu do papel do papel porque a área é de preservação ambiental. O chefe do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, Adriano Souza, um paulista que trabalha no Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) desde 2009, explica que não é proibido colocar energia no parque. É ilegal instalar a rede elétrica sem fazer o licenciamento ambiental.

*A Cemar colocou uns fios na Venca, povoado de Santo Amaro, e a gente deu uma multa pesada. Mas eles sabem que não é proibido. Até porque na multa a infração foi instalar empreendimento sem licenciamento ambiental. Agora eles estão fazendo o licenciamento para algumas áreas já, no povoado do Cedro e no Atins,* explica.

Cabe à prefeitura providenciar a iluminação pública. Adriano critica que em época de campanha eleitoral os políticos chegam até as comunidades com o discurso de que não podem fazer nada para resolver a situação porque se trata de um parque nacional, mas não entram com nenhum pedido junto ao ICMBio.

*A gente queria muito que o prefeito comparecesse na nossa comunidade, porque aqui ele tirou 50 votos. Então é sabedor que aqui não tenha energia. A gente fez um cadastro com o pessoal da Cemar, mas esse povo se atravessava dizendo que aqui não podia. Aí entrou a política,*

*os candidato dizia que iam brigar pra trazer a energia. Ai eu ainda fiz um crime. É o que conta seu Luís, de 55 anos, filho mais velho de seu Elóia e herdeiro de seus olhos claros.*

Falaram para ele que quem pudesse ir alimpando, que alimpasse. Que quando dissessem *os postes tão aqui, já era para botar*. Ele forçou um bocado de pé de mirim, desgaltou tudinho, ajeitou, só faltava derrubar os pé de buriti de seu Inácio. E até hoje nada. *Mas aí você é uma pessoa que vai falar também a respeito dessas questão que a gente tem, que aqui tá precisando e o povo quer porque quer. Todo mundo quer energia aqui.*

No escritório de sua casa na sede de Barreirinhas, Léo Costa (PCdoB), prefeito desde o início do ano, diz que falta pouco para a eletricidade chegar em comunidades como a de Mocambo. Mas não destaca isso como uma melhoria significativa na vida das pessoas. *Muitas vezes a energia até chega, mas o que fazer com ela? É claro que é um grande fator de desenvolvimento econômico e de acesso, mas se você não sabe usá-lo pra melhorar o seu rendimento, você fica na mesma.*

O político é filho de Barreirinhas e estudou lá até o primário, quando a cidade ainda não tinha calçamento. Na época, havia apenas uma usina geradora de energia a diesel que funcionava das 18h às 22h. *É o mesmo você morar numa casa pobre com energia ou morar numa casa pobre sem energia. A que tem energia pelo menos pode comprar uma geladeira com o dinheiro do bolsa-família, mas o que vai botar dentro da geladeira? Gela água e algum peixinho, alguma carnezinha. Não deixa de ser um conforto, mas não está à altura do que precisa.* Dentro do escritório, o ar-condicionado está ligado a 20 graus para amenizar o calor costumeiro das três da tarde.

Ele defende que as populações da região do parque precisam é de um sistema de assistência técnica e extensão rural aliado a uma melhoria na educação para progredir. Um trabalho conjunto dos poderes federal, estadual e municipal com o próprio ICM-Bio. É a opinião que seu Léo tem para as populações de dentro e de fora da área protegida. *As famílias do parque, diferentemente das outras, têm essa especifici-*

*dade de em algum momento serem atormentadas pelos funcionários do meio ambiente que, sem muita experiência prática, tentam levar os códigos ao pé da letra sem refletir quais são as alternativas.* Como o caso da obra das capelas que foram embargadas nos povoados de Boca da Lagoa, Lagoa da Esperança e Queimada Grande. Todas construções sem o licenciamento ambiental obrigatório

O argumento da assistência técnica continua. O governo poderia implementar um programa, sugere, para ensinar a população a criar abelhas e cabras leiteiras, produzir leite, fazer queijo, doce de caju, cajuína. Seria uma maneira de fazer com que eles próprios sejam uma salvaguarda do parque. Assim, os moradores teriam um papel conservacionista. *Acho que a gestão do parque está muito voltada para o aspecto ambiental em si. É importante, mas tem o aspecto econômico. As famílias têm que se sustentar.*

O Instituto Chico Mendes, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, administra as Unidades de Conservação federais. No caso do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, é responsável pelo controle do uso público dos atrativos turísticos – fiscalizar se os carros e os motoristas estão credenciados, por exemplo –, pelo combate à pesca predatória e pelo controle das práticas tradicionais. A reforma de uma casa, a abertura de uma nova roça, a construção de um açude, tudo precisa de autorização.

Seu Inácio foi o único do Mocambo que pediu autorização ao ICMBio para construir a casa nova. O contato foi através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreirinhas. *Uma pessoa dizia: “Siô, faz tua casa. Tem nada a ver com Ibama, rapaiz”. Maisi existe uma lei de respeito, nós têm que respeitar.* O Instituto Chico Mendes foi criado em 2007 após uma reestruturação do Ibama, mas os moradores continuam se referindo ao órgão pelo antigo nome. No final de agosto, o chefe do parque Adriano Souza foi até lá com o analista ambiental Yuri Nogueira. Fizeram a vistoria, tiraram fotos e liberaram a reforma. Agora só falta buscar o documento na Barreirinhas.



Dona Zima nem cogitou pedir a autorização. Nem sua filha Rosa, sua cunhada Celina, seu sobrinho Ismael ou seus irmãos Valdo e Raimundo. *Marrapá se eu vou dar chance pro Ibama. Vou dar não... Se eles viesse pra cá, eu digo: óia, eu num ia morar no sol, eu num tinha marido pra fazer minha casa. Eu ia ficar debaixo do pé de pau?* A professora fez dois empréstimos, um de 9 e outro de 11 mil reais, para pagar a reforma. Mandou derrubar a casa de adobe e palha. Optou pelos blocos de cimento e telha para não ter que arranjar quem tirasse palha para cobrir o telhado de tempos em tempos. *Quem que eu ia pagar pra tirar palha? Pra botar palha?*

A restrição é em relação à construção, independentemente do material escolhido. *Sei que tem mesmo um boato que corre na boca do povo que casa de barro pode e tijolo não pode, mas é lenda isso daí. Ou pode construir ou não pode,* esclarece Adriano Souza, do Instituto Chico Mendes. Quando os moradores não solicitam a vistoria antes da reforma, o ICMBio faz a notificação. *Se a pessoa desmonta a casa dela todinha e começa a fazer outra, não dá pra saber se tinha uma casa lá. Quando a gente constata uma infração, a gente dá a multa. Depois na defesa é que ela vai me dizer se já tinha a casa, com testemunhas e tal.*

Em visita ao povoado de Buritizal dos Felipe, pelos lados de Santo Amaro, o chefe do parque constatou que muitos moradores estavam construindo sem a permissão. Procurou, então, a liderança da comunidade para marcar uma reunião com todo mundo, explicar quais são as regras e aproveitar para autorizar os que já começaram a construir. *Não tem ninguém de maldade ali. O objetivo mesmo é evitar pessoa de fora que constrói dentro [da área do parque]. A gente não pega no pé dessa galera não. Não sei porquê o pessoal cisma com a gente. Difícilmente a gente multa um morador assim, é quase impossível.*

Só há notificação por fazer novas roças quando a própria comunidade denuncia casos extremos de queimadas ou desmatamento. Mas não é assim com os açudes, por exemplo. Sempre se aplica a multa. Nenhum foi liberado até agora para evitar que espécies de peixes exógenas prejudiquem os ecossistemas locais. Uma prática conflituosa é a captura de pássa-



A época do mirim começa a partir de setembro. As crianças do povoado passam horas debaixo do sol colhendo a fruta de sabor azedo.

ros. No Mocambo, quando se escuta um barulho de carro, alguém faz a piada *ó, é o Ibama que vem aí por causa desses passarinhos piando*. Os fiscais do ICMBio exigem que os animais sejam soltos ou registram a infração. Mesmo sob risco de levar multa, os moradores continuam prendendo periquitos, sabiás, caburés e outras espécies da região. Os passarinhos são vendidos ou mantidos como bichos de estimação.

Apesar de criticar a atuação do ICMBio quanto às construções, Dona Zima reconhece o papel deles na preservação do meio ambiente. *Mamãe contava que aqui tinha veado, cutia, paca, tatu. Até camelo diz que tinha, zebra, todos os tipos de animais. Ai quando foi aumentando a população, foi desmatando muito, os animais foram saindo. Tudo tinha, fia, e ainda tem. Porque agora tem essa proibição. Não pode mais desmatar assim. Se não fosse o Ibama, não tinha mais nada não.* É o que ela aponta como a única coisa que mudou desde a criação do parque. Dona Zima não sabe exatamente quando foi, mas se lembra que o pessoal do Ibama foi até lá em algumas reuniões com os moradores quando os Lençóis Maranhenses passaram a existir.

Padre Vale, o atual secretário de meio ambiente de Barreirinhas, critica a forma antidemocrática da criação do parque em 1981. *Ela é uma unidade de conservação criada de cima pra baixo e que não levou em consideração, sobretudo, o dado de população.* Luis, filho de seu Elóia, conta que o então governador João Castelo vendeu os





Seu Elóia, 84, se orgulha de ser a única pessoa dali que tem uma geladeira e sempre oferece água gelada para as visitas. Viúvo há três anos, está disposto a pagar 100 reais de dote e deixar o sítio como herança para a mulher que se casar com ele.



A casa de Dona Zima foi reformada no ano passado, mas ainda precisa ser inaugurada. Falta fazer o reboco das paredes e pintar as portas. Toda família tem uma antena como essa para que o telefone celular tenha sinal.



O jirau é uma espécie de mesa de madeira para lavar a louça. A água escorre pelo espaço entre as tábuas. Mesmo nas casas onde há pias e torneiras, as pessoas preferem usar a cuia e o balde.



Há dois anos, o rio Negro parou de correr pelo Mocambo por conta do avanço de uma duna. Durante o inverno, ele fica mais cheio. Nada que se compare aos tempos em que os moradores pescavam ali o ano inteiro. Esse é o limite entre as cidades de Santo Amaro e Barreirinhas.

terrenos da morraria. É a versão dele para a desapropriação das terras pelo Estado. *Vendeu pra esses outro povo que queria essas área aqui. Por causa da bunitiza. E nós que morava desde esse tempo, nem sabia que existia essas coisa.* Segundo Dona Dodó, foi o senador José Sarney quem escolheu o nome Lençóis Maranhenses.

Veio então o povo que tinha comprado, ou o Ibama, para demarcar o território. Depois houve as reuniões entre os sindicatos, autoridades e representantes dos moradores. *Falavam a respeito do que a pessoa podia se aproveitar. Se eles chegasse aqui e dissesse pra ocê sair, os morador se reunir e gritar. Porque de repente eles podia chegar e dizem assim: “Xô, que aqui não é de vocês”,* continua seu Luis.

Seu Inácio foi a um desses encontros em Santo Amaro há treze ou quinze anos. Tinha umas 500 pessoas, ele conta. O Ibama, os moradores do parque, políticos da região. Durou dois dias. No encerramento, um deputado da época bateu na mesa e disse: *Olha, pode custar dez anos, pode custar vinte, pode custar trinta ano, maisi esse parque tem que ser limpo de gente.* O povo começou a reclamar, a questionar para onde iriam todas aquelas pessoas. E ele completou que *as pessoas que têm suas prantação, têm suas casa boa, vão sair com uma condição. Mas vai ter uns que nem dinheiro pra comprar uma corda pra morrer enforcado num vai ter.* Seu Inácio ri ao lembrar da história.

A memória dele é bastante seletiva. No final da década de 80, participou de uma reunião no Palácio dos Leões, a sede do governo estadual em São Luís, com a Fetaema (Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Maranhão), Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreirinhas e políticos como Domingos Dutra (atualmente deputado federal), Albérico Filho (ex-prefeito de Barreirinhas) e o governador da época, Epitácio Cafeteira (hoje senador). Ele lembra com detalhes da piada que contou antes da reunião começar sobre a primeira vez que ele usou um telefone, mas não sabe mais o que foi discutido com as autoridades.

*Até nessa época, a gente tinha um canto que a gente cantava. Eu até me esqueci. Era um cântico penoso. Xô ver aqui...* Ele faz como quem esqueceu da letra, mas recita afinado: *Meu amigo, meu irmão, ocupe a terra. Quem fez a terra foi Deus pai o criador. Deus fez o céu, fez o mar e fez a terra. E fez o hõmi, entregou com muito amor.* Em unidades de conservação como o Parque Nacional, a permanência das comunidades tradicionais não é permitida. O governo deve realocar e indenizar essas populações pelas benfeitorias existentes.

*Deus disse ao hõmi: esta é a minha terra. Que eu lhe dou para você trabalhar. Para da terra tirar o alimento. A terra é minha, não é pra negociar.* Enquanto não se inicia o reassentamento, a presença das famílias de-

veria ser regulada por termo de compromisso. Uma espécie de contrato de um ano com prazo adiável, legalizando as práticas tradicionais.

*Eu só me queixo dos meus pai, dos meus avós. Quem sem pensar me fizeram ingratidão. Pegaro a terra e vendero aos fazendeiro. Hoje os herdeiro são filho dos tubarões. Meu amigo, meu irmão, ocupe a terra...* O ICMBio deve fazer também o levantamento de benfeitorias de cada terreno para a futura indenização. É um primeiro passo para o processo de retirada das famílias. O decreto que regulamenta o reassentamento estipula um prazo de dois anos para a implantação do termo de compromisso em áreas protegidas com moradores. A lei é de 2002. O processo foi enviado ano passado à sede do órgão em Brasília, mas havia uma orientação do Ministério do Ambiente para impedir a implantação dos termos e só deve ser liberado em 2014.

O problema, diz Adriano, é como as comunidades reagem a essas ações. O Instituto Chico Mendes começou um mapeamento das populações tradicionais para conhecer melhor a realidade do parque. Só foram coletados os dados de Ponta do Mangue e do Santo Inácio. Os próprios moradores pediram a interrupção do trabalho com medo de que fossem tirá-los de suas terras. Adriano nunca foi informado de nenhum plano do governo para remanejar as famílias do parque. *Mas a gente aqui é peão de Brasília. Quando disserem que têm o dinheiro para indenizar todo mundo, vamos ter que fazer o processo.*

Para o prefeito Léo Costa, o governo não tem nem dinheiro e nem capacidade técnica operacional para remanejar as populações. *No fundo eu acho tolo esse desencontro de funcionários do parque em querer que ele seja um parque sem gente dentro. Afinal, antes dele ser criado, essa gente já morava lá. É a população que tem uma precedência sobre aquele espaço. Eu não digo nem que eu sou contra que as famílias saiam do parque, que elas não vão sair. Elas não querem ir, porque o umbigo delas está lá. E não tem pra onde elas irem.*

Na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreirinhas, há um mapa que mostra todos os acampamentos rurais da região. A área do município é quase o dobro da cidade de São Paulo, mas já existem 57 assentamentos estaduais e três federais. De acordo com o presidente do sindicato Chico Faria, todos estão lotados e há pouco espaço disponível no território de Barreirinhas.

*E a gente fica aqui pensativo, não é? Nós mesmo temo casa ni Barreirinhas, mas tem outros companheiro que nem tem área em lugar nenhum. Se no caso querer tirar noisi daqui, com tanto tempo que a gente mora, pra onde a gente vai?* Seu Inácio, essa é uma pergunta que nem Léo Costa, nem Chico Faria, nem Adriano Souza sabem responder.

# A FARTURA NO OÁSIS TURÍSTICO

Bargado Brito, de 38 anos, voltou para casa no final da manhã trazendo um cofe cheio de jacundás, bicudos e piabas de uma das lagoas da morraria. Todos de no máximo quinze centímetros. Entregou o pescado numa caixa de plástico para seu filho mais novo, encarregado de fazer uma primeira limpeza. O menino estava sentado no quintal arenoso e, concentrado, raspava as escamas com a faca. Depois que fez isso com todos, recomeçou o trabalho. Dessa vez, tirando também as tripas e as ovas.

Dona Maria, a esposa de Bargado, não esperou e preparou uma galinha caipira para o almoço. Os peixes foram para a salmoura, solução de água saturada de sal. Quando a comida ficou pronta, acordaram o turista gaúcho que dormiu logo após chegar da caminhada de aproximadamente sete horas até o maior dos dois oásis que existem no meio do campo de dunas dos Lençóis Maranhenses, a Queimada dos Britos.

A comunidade pertence ao município de Santo Amaro, a aproximadamente 243 km de São Luís. Há onze casas, divididas entre a Queimada dos Britos e a Queimada de Baixo. A trilha que liga as duas partes do povoado tem a largura de uma rua e leva meia hora para ser percorrida. Ali é terra da família dos Brito, dos Paulo e dos Lira.

O velho Manoel Brito era conhecido como o primeiro morador do oásis, mas Raimundo, o único filho que ainda mora na Queimada, conta que o pai nasceu ali. *Foram os avós dele que emigraram do Ceará. Porque antigamente diz que lá dava um negócio que hoje às vezes ainda dá. Tem muita seca e fome também, aí eles procuraram um lugar que fosse melhor. Aqui acho que era desabitado e tinha fartura.*

Mané Brito era *cumpadre* de seu Elóia, morador do Mocambo, em Barreirinhas. *Ele era muito bom. Tinha muita criação de gado, carneiro, bode, coisa demais. Era homem rico mesmo. Por aqui não tinha um pra ga-*



O peixe de água doce cozido quase sem tempero é o *cumê* do dia-a-dia. Em toda a região da morraria, o caju é acompanhamento do almoço.

*nhar dele.* Até hoje se fala da fartura das festas que ele dava. Segundo seu Raimundo, o pai tinha cinco mil cabeças de carneiro. Enchia dois currais com o animal e a quantidade pastando na duna ainda parecia a mesma. As criações de Zeca Luna, também do Mocambo, ficavam junto com as do patriarca da família Brito. *Ele tinha um bucado de coisa. Mas quando morreu se acabou tudinho. Ninguém sabe por quê não.*

Raimundo, de 58 anos, é o único dos doze filhos de Manoel Brito que ainda mora na Queimada. As mulheres normalmente se mudam para o povoado de seus maridos. Os homens vão para as cidades em busca de melhores condições de vida. Alguns voltam, como seu Raimundo. Ele estudou por um tempo em Santo Amaro, onde conheceu sua esposa. Quer passar o resto da vida no oásis porque *é um lugar legal, não tem zoada e você pode dormir de porta aberta que ninguém vai entrar aqui e tirar alguma coisa.*

Bargado também estudou em Santo Amaro. Foi ainda menino e voltou aos 17. Pouco depois se casou com Maria, sua prima, que sempre morou no mesmo lugar. Luana, a única filha mulher do casal, faz o nono ano na sede do município e quer ser dona de pousada. O número de habitantes só não diminui drasticamente porque há jovens como Tico, de 16, que não querem se mudar. Ele abandonou os estudos depois do quinto ano, prefere ficar em casa ajudando Maria enquanto o pai trabalha como guia turístico.



O morador mais novo da Queimada é Gustavo, filho de três meses de Djalma, um dos netos de Manoel Brito. Luiza teve o filho no hospital de Barreirinhas. Ela voltou para casa oito dias depois do parto. *Eu ia ficar fazendo o que lá?*, ela pergunta, A viagem foi de quadriciclo, com o recém-nascido carregado numa tipoia de pano. O casal tem mais três filhos: Luzilene (8), Lucidalva (7) e Delílson (6).

**M**arcelo, o turista de Porto Alegre, fez a caminhada até o oásis a partir de Santo Amaro. Para completar a travessia, teria que andar entre duas e três horas, dependendo do passo, até Baixa Grande. Um povoado de apenas cinco casas afastadas uma das outras, onde mora Moacir, irmão de seu Raimundo. De lá, mais oito horas para chegar a Barreirinhas. O trajeto é um sobe e desce de dunas. No final de agosto, muitas lagoas estão quase secas e é possível cortar caminho por elas. Os únicos animais vistos na travessia são ovelhas, porcos e alguns pássaros. Principalmente gaiivotas, que mergulham em direção à cabeça dos viajantes ao se sentirem ameaçadas.

É possível ver de longe a vegetação do oásis, a cerca de três horas de caminhada. Ao se aproximar, há cemitérios de árvores e alguns cajueiros enterrados pela metade na areia. Desce-se uma duna e aparece o início de uma trilha no meio de um matagal. Os guias sabem chegar exatamente na entrada da casa onde os visitantes vão se hospedar.

Alegando cansaço e pressa em ir a Barreirinhas para sobrevoar as dunas de avião, Marcelo resolveu pagar os 200 reais que os moradores da Queimada cobram para transportar turistas de quadriciclo. O Plano de Manejo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, de 2003, proíbe o trânsito de veículos automotivos nas dunas. Para evitar que carros passem por cima de ninhos de aves, por exemplo. Apenas os nativos têm esse direito e a multa pode chegar a 10 mil reais.

*Se um morador estiver levando um tio que veio de São Luís para ver a dona Joana depois de dez anos, não é multado. Mas se ele levar um tio loiro de olho azul que só fala alemão e não sabe nenhuma palavra em português, vou achar estranho que ele seja parente de dona Joana*, explica o chefe do Parque Adriano Souza. Esse tipo de fiscalização depende de denúncias, pois só trabalham ele e o analista ambiental Yuri Teixeira como fiscais do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) para todos os 155 mil hectares da área protegida.

*Agora o cabra ele só quer andar de carro. Ele gasta o último centavo que tem no bolso pra fretar um quadriciclo e ir pra Santo Amaro. Não quer ir mais nem de animal*, conta seu Raimundo.

Quando era mais novo, trazia doze quilos de sabão nas costas. Sabão de andiroba, da barra grande. Uma cunhada dele trazia 5 litros de querosene sem ficar trocando o bujão de uma mão para a outra. Quando a carga era mais pesada, traziam em um dos animais de seu pai. *Antes o acesso era muito difícil. Hoje não. Tem até um cara que traz mantimento aqui pra vender.*

Os moradores não se referem a Santo Amaro ou a Barreirinhas como lugares distantes. Só os guias fazem esse percurso a pé. Os donos de quadriciclo cobram mais barato para os nativos, cerca de 50 reais o trecho.

**B**argado hospeda turistas há 15 anos, mas o movimento só aumentou nos últimos tempos. Os visitantes dormem em redes na sala ou no quintal, debaixo do pé de jatobá centenário. A casa é pequena, de madeira e palha. O banheiro, um pouco afastado, é de tijolo. Há fossa séptica e latrina. O banho é de cuia. A água é retirada do lençol freático numa bomba manual no meio da cozinha. No verão, ela fica amarela e tem um cheiro forte. Eles bebem a água de uma fonte mais pura, que um *cumpadre* traz todos os dias.

A diária custa 20 reais com café da manhã, e cada refeição, 25. O nome do neto de Manoel Brito, na verdade, é Aldo. O apelido ele tem desde menino, pois sempre ficava com uma mancha branca de areia na barriga como os animais bargados. É um homem pequeno, queimado de sol e que nunca usa camiseta.

Seu Raimundo, tio dele, construiu um redário com capacidade para 30 pessoas. Começou a receber gente só em 2005 porque quase ninguém conhecia a Queimada. Os moradores também não tinham muita intimidade com turista. 5.053 pessoas já assinaram seu caderno de visitas. *Aqui não tinha dinheiro, circulação de nada. Com turismo, desenvolve mais. O dinheiro aqui era ruço. Oê passava um mês aqui sem ganhar um real, hoje não. Mas eu não quero só pra mim não, quero que chega um pouquinho pra todo mundo.* Hoje a prestação de serviços turísticos contribui para o sustento da casa, aliada ao bolsa família e à aposentadoria de lavradores.

O filho do *véi* Manoel Brito está sempre em casa. Se alguém vai visitá-lo, ele puxa uma das cadeiras de plástico da sala e conversa sobre relacionamentos, a política de Barreirinhas ou como ele odeia dormir em lugares



onde há muitas muriçocas. Graças a Deus não é o caso do povoado. Em agosto, ele vendia a garrafa de cerveja por seis reais, mas estava pensando em aumentar o preço para sete. Além de hospedaria e restaurante, a casa dele também é um pequeno mercado. Os mantimentos vêm de Santo Amaro, a cidade mais próxima.

Os moradores da Queimada vão até a sede do município para resolver quase tudo, mas *lá não tem nenhum médico que resolve seu problema. Você tem que ir pra Barreirinhas ou São Luís, diz seu Raimundo. A saúde aqui nos interior é muito devagar. Os médico vêm, parece que é mutirão que eles fazem. Uma vez por mês. Faz uma consultazinha, mas é ligeira. Saúde aqui não é legal não.*

O freezer fica ligado a noite inteira até a hora de dormir e mantém a temperatura baixa das bebidas até o dia seguinte. *Aqui se toma cerveja, mas ela é fria, não é geladinha.* Os alimentos ainda são conservados na salmoura. Depois das 18h, o barulho do motor a diesel, comprado há cinco anos, se sobressai na casa. A cada noite, seu Raimundo usa 4 litros de combustível. É uma despesa de 360 reais por mês. *A esposa reclama que a gente gasta muito com o diesel, mas dá cinco horas da tarde e ela quer ver a novela. Acostumou, at ninguém fala nisso de combustível.* Foi através do telejornal noturno de 28 de agosto que eles souberam do apagão que atingiu parte do nordeste. Por isso que os celulares estavam sem sinal naquele dia.

Hoje o gerador é a única fonte de energia da casa. Na época que o diretor Andrucha Waddington fazia a pesquisa para o filme *Casa de Areia* (2005), que se passa nos Lençóis Maranhenses, só havia lamparina a óleo. A produção do longa doou para seu Raimundo uma placa solar que funcionou durante três anos, mas continua no quintal como um troféu. Na casa de Bargado, também há um motor a diesel. Como ele vendeu o freezer, só liga o gerador quando ele ou algum turista precisa recarregar alguma bateria. A energia das lâmpadas vem de uma placa solar que ele encontrou na praia, a duas horas de caminhada da Queimada dos Britos. A família dele ainda prefere o uso de lamparinas.

**O** dia começa a clarear a partir das 5h40. Duas cabritas, criadas como animais de estimação, choraram pedindo comida. Dona Maria é a primeira a acordar. Ela engole rapidamente o café da manhã e caminha quinze minutos até a escola, onde trabalha como zeladora duas semanas por mês. Precisa varrer a única sala de aula, organizar as carteiras, tirar a poeira



Os dez alunos da escola têm entre 6 e 12 anos. O barracão foi construído com dinheiro da professora Joína e fica no quintal de sua casa.

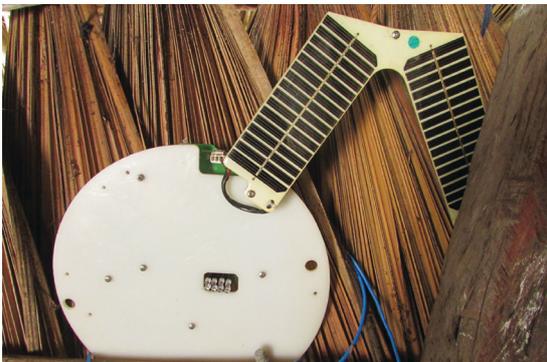
dos livros e colocar água no filtro. O caçula Adriel, de 12 anos, sai uma hora depois.

A Escola Municipal Sarney Filho é uma pequena sala de adobe e teto de palha no quintal de Joína, que acumula as funções de professora e diretora. A construção foi feita com o dinheiro dela. A prefeitura só forneceu as carteiras e alguns livros. A filha de seu Raimundo tem 34 anos e dá aula para dez crianças, sendo que três meninos são seus filhos. Todos vestem o uniforme da rede municipal de ensino de Santo Amaro e chinelos. Ela estudou até a oitava série em São Luís e assumiu a escola da Queimada dos Britos pouco tempo depois de voltar.

Naquela manhã, a principal atividade foi recortar figuras de animais em livros e revistas velhas para colar numa cartolina. Joína selecionou alguns dos recortes para ensinar a grafia das palavras, quantas letras tinha cada uma e também quais bichos viviam na região. Era a mesma tarefa para crianças de 4 a 12 anos.

Enquanto Maria acompanhava a aula entediada, pensando que teria que varrer todos aqueles pedaços





Bargado só liga o motor a diesel quando os turistas precisam de energia elétrica. A placa solar foi encontrada na praia, a três horas do oásis.



Nunca falta água nos povoados. Ela é retirada dos lençóis freáticos através de bombas artesanais.



Tem jirau e fogão de barro em cada cozinha da região da morraria. Mesmo as famílias que possuem o aparelho a gás, preparam no carvão o peixe, o beijú e o feijão.



Teto de palha do redário de seu Raimundo. Usar a folha do buri em construções é caro, porque há de se comprar o material em outros povoados. Além disso, o telhado deve ser renovado periodicamente.



Depois do jantar, Maria e Tico ajudam Adriel, o caçula, com as tarefas de matemática. Tico parou de estudar no quinto ano, a última série oferecida na escola da Queimada dos Britos. Adriel ainda não decidiu se continuar os estudos na cidade de Santo Amaro.



Adriel, o caçula de Bargado Brito e Maria



de papel no chão, Bargado não sabia o que fazer para o café da manhã dos turistas. Na noite anterior, prometeram beiju – como a tapioca é chamada no Maranhão – para os turistas, mas nem ele e nem Tico, seu filho de 16 anos, sabiam fazer. Sem a esposa ou a filha para cozinhar, ele desistiu. Colocou na mesa três pacotes de biscoito recheado no lugar da habitual bolacha de água e sal para acompanhar o café.

Bargado não passa muito tempo no povoado. Trabalha como guia na travessia entre Santo Amaro e Barreirinhas e está sempre checando o celular da casa para ver se há algum serviço para ele. No meio da manhã, não sabe se varre o chão ou começa a preparar o almoço. Acende um cigarro maratá atrás do outro. Pensa em sair para pescar, mas vê que há peixe suficiente para as próximas refeições. Ele não tem roça. Os animais são poucos e criados soltos. Aproveita que o primo Bibinha, também guia, está lá com alguns turistas e passam muito tempo conversando e fumando.

Bibinha, apelido para José de Ribamar, tem 28 anos e mora com a mãe em Barreirinhas. No início do ano, abriu a primeira agência turística exclusiva para a travessia, a Britos Caminhada. Ele sempre usa um óculos escuro *wayfarer* e fala algumas palavras em espanhol, resultado da convivência com estrangeiros.

O trabalho de guia começou aos treze anos, de brincadeira com colegas da escola. Depois das festas, eles combinavam de se encontrar na praça principal de Barreirinhas e caminhavam até a Queimada dos Britos. O pai de Bibinha trabalhava nas pesquisas da Petrobras nos Lençóis Maranhenses durante a década de 70. Ele herdou uma carta com a morraria toda mapeada. *Depois a gente foi se localizando pela vegetação e por algumas dunas que a gente conhece.*

Naquela época, Manoel Brito ainda estava vivo e os meninos procuravam os tesouros que ele teria enterrado no oásis. Ao falar do avô, Bibinha sugere que o velho fez um pacto muito forte. *Sem ser Deus, outro cara.* Ele se denomina o melhor guia dos Lençóis e diz que as pessoas só servem para poluir as lagoas do parque. Recentemente, abriu um bar com os irmãos na Beira Rio, área mais privilegiada de Barreirinhas. Bibinha tem se dedicado a divulgar a cultura *caiçara* dos nativos e fazer com que os turistas conheçam mais do que as três lagoas mais famosas quando visitam o parque nacional.

Como símbolo dessa cultura caiçara, ele destaca um senhor de 60 anos que vive na Queimada de Baixo. Massu é do povoado de Betânia e se mudou para o oásis aos 25, quando se casou com Bina. Na época, a região onde ele nasceu enfrentava uma seca, os invernos não tinham sido bons. Havia mais fartura onde viviam os pais de sua esposa. Massu é também o nome do personagem principal do filme *Casa de Areia*. Bibinha diz que o cineasta Andrucha se inspirou naquele senhor para criar o papel do quilombola que faz par romântico com a atriz Fernanda Torres. O marido de Bina só desconversa, conta que trabalhou apenas um dia na praia para a produção do longa.

Massu também recebe turistas em sua casa, um sítio grande na beira de uma lagoa. Dez franceses que viajavam com guia e tradutor se hospedaram ali nos dias anteriores. Naquele fim de tarde, sem hóspedes, conversava na cozinha com um de seus filhos, um

rapaz da família Lira e Bibinha. É na boca da noite que os moradores se encontram, depois de terminados os afazeres domésticos e antes do jantar. Enquanto Massu passava o café, ele e as visitas fumavam um baseado. O hábito é comum entre os homens. Eles cultivam seus próprios pés de maconha no oásis.

De volta ao norte do povoado, seu Raimundo jogava cartas com dois amigos. Apostavam grãos de milho. Na casa de Bargado, dona Maria preparava o jantar. Eles escutavam forró, brega e reggae numa pequena caixa de som. Adriel, o caçula, dançava todas essas músicas. Bargado observava, orgulhoso. *Onde que tu vê um menino de doze anos dançando assim?*

Depois que todos comem, com o motor desligado, Bibinha faz uma fogueira na frente da casa com os filhos do primo. Maria e Tico ajudam Adriel a fazer atividades de matemática sentados na areia, perto do fogo.

O céu não está tão nublado como nos dias anteriores, há muitas estrelas. Bargado conta adivinhações. *Uma princesinha encantada mora na serra pelada. Na seca e no inverno, todo tempo ela é molhada.* Ninguém sabe a resposta. *Galça vai voando com a tesoura no pé cortando calça de homem e siritanga de mulher.* Antes das 21h, ele anuncia que o avião a Fortaleza vai passar e vemos luzes vermelhas e brancas cruzando o céu.

**A**qui é um lugar que fica perto da praia. Meu pai quando ele ia pescar lá com o irmão dele, levava um cavalo com umas carga que eles chamo de jacá. Eles davam tuas tarrafiadas e enchiam o cavalo de peixe. Era duas pessoas pra puxar. Nesse tempo eles usava era a tarrafa, não era caçoeira. Era muita fartura, né?, conta seu Raimundo.

A comparação entre o tempo antigo e o atual é constante na fala dos moradores. Uma referência a quando os invernos eram bons. Quando a água do mar se juntava com a doce e havia peixes de 10 kg nas lagoas do oásis. Agora que a pesca ficou mais difícil, que os invernos diminuíram e que começou a secar, o filho do *vêi* Mané Brito perguntou aos fiscais do Instituto Chico Mendes se poderia fazer um açude. *Eles disseram que não é permitido. Uma coisa que é pra alimentação eles não permite. Num lugar que é isolado, aonde não exporta água. Só pra criar um peixe e botar cumê pra ele crescer.*

Os homens ainda pescam na praia, mas é cada vez mais raro. Bargado e Tico, seu filho mais velho, costumam ir a lagoas que ficam a uma hora do oásis. Perto da casa deles, há uma chamada Lourenço, que nunca seca e serve de reserva caso chegue um turista de última hora com vontade de almoçar peixe. Preparado frito ou ao molho de caju, típico da região da morraria.



Bargado usa a lagoa do Lourenço como reserva caso chegue um turista perto da hora do almoço com vontade de comer peixe.

Numa manhã de agosto, Bargado tratava o pescadinho no quintal de casa quando uma brisa balançou os galhos do pé de jatobá. *Eita, ventou desse outro lado. Vai voltar o inverno. Que volte a chover agora para encher essas lagoas tudinho e que elas volte a atingir a marca que não atinge há dois anos. Agora o inverno tá trocando com o verão.* Em 2011, o oásis inundou. Faltou pouco para a chuva alagar a casa de seu Raimundo. O jeito foi abrir uma duna para o escoamento da água. Os moradores se fizeram de trator, partiram um morro no meio, e a água da chuva vazou para a praia.

Choveu rapidamente no dia seguinte à previsão. Os dias nublados desse verão têm cooperado com os moradores. Assim, não há tanto vento e a areia se movimenta menos em compensação aos invernos cada vez menores. Seu Raimundo acha que o oásis vai desaparecer. Ele alcançou ver a vegetação quando ela era maior do que é hoje. *Não sei se é meus filho, se é o filho dos meus filho, não sei quem é que vai alcançar, mas isso aqui [o oásis] vai fechar um tempo. Porque a duna chega no pé da árvore e ela não passa por baixo. Ela passa por cima do olho. Depois de um ano ou dois, ela torna descobrir, mas quando descobre, a árvore já tá morta.*



Dona Maria, esposa de Bargado, trabalha como zeladora na escola e faz a comida para os turistas que hospeda em sua casa.



Massu prepara café para as visitas. Toma-se muito café, com farinha ou tapioca.



O normal é dormir em rede, armada nas vigas de madeira da casa.



# PEIXE, MARISCO E TIQUIRA NO MAIRI

São seis da manhã e Elilda sai de casa para se encontrar com o pai e outros pescadores no cais. Ela preparou o *frito* de farinha e carne de porco na noite anterior. Abastecem o barco com diesel, levantam a âncora, tiram a água acumulada do fundo e partem. A passagem pelo canal que margeia o povoado de Mairizinho dura meia hora. O ritmo é lento. Curió toma o último gole de tiquira, uma cachaça maranhense, e joga a garrafa de plástico na água. Ele conta histórias sobre as pescarias em alto mar e sua voz se mistura ao barulho alto do motor de quatro tempos.

O destino era a Barra da Baleia, praia no encontro entre o canal e o mar. Na faixa de areia, há 10 cabanas feitas de madeira do mangue e palha de buriti. Todas comunitárias. Durante o inverno, a melhor época para a pesca, elas ficam cheias. Os barcos, enfileirados na costa, só partem de lá carregados. A pescaria pode durar vários dias.

Já em terra, a tripulação passa alguns minutos desembaraçando a pitiuzera, usada para pegar peixes pequenos como o pitui, espécie da região um pouco maior que a sardinha. A rede é lançada de dentro do mar, com a água batendo na altura do peito. E depois arrastada cuidadosamente de volta à beira para retirar o pescado. A operação foi repetida quatro vezes e não encheram nem metade da caixa de feira que haviam levado. *Siô, tem vez que só numa lançada, enchemo essa caixa todinha.*

Às nove, foram a uma das cabanas de madeira para se proteger do sol quente. Era hora da primeira refeição do dia. Enquanto o fogo pegava, comeram o frito de porco. Curió tratava os peixes em cima de uma tábua. Cortava as tripas, tirava as escamas, limpava e tacava sal sem piedade. Assava os peixes diretamente na brasa. Depois do almoço, dormiram por mais ou menos uma hora. A pitiuzera ainda foi lançada mais três vezes antes de voltarem pelo canal.

O povoado de Mairizinho está a oeste da morraria e fica em Primeira Cruz, a aproximadamente 272 km da capital maranhense. São 106 casas enfileiradas praticamente numa única rua de 2,6 quilômetros de extensão. Há cinco comércios, dois bares, uma igreja católica e outra evangélica. Três famílias possuem Toyotas e fazem a viagem de uma hora e meia até a sede do município. O marco que divide a comunidade em Mairi e Jardineira é incerto, ali pela casa do Bina.

Primeira Cruz é uma cidade pequena. Os moradores precisam ir até Humberto de Campos, a 20 minutos de lancha, para fazer a compra do mês, vender o pescado e ir ao médico. Mas a conexão entre a vila de pescadores e o município de São José de Ribamar, na Grande São Luís, é mais forte. Muitos têm casas ou parentes próximos lá. A maioria dos pais prefere colocar os filhos para estudar em Ribamar do que nas cidades mais próximas.

A Escola Municipal Silvio Gomes dos Santos tem 135 alunos da creche ao nono ano. Trabalham lá 13 professores, três vigias e três merendeiras. Os mais velhos fazem o ensino médio no povoado vizinho de Areinhas, a uma hora de viagem. Os estudantes vão até lá de Toyota, e o transporte é disponibilizado pela prefeitura.

Ali vivem cerca de 560 pessoas. Esse número varia porque sempre tem famílias chegando por causa da pesca, da proximidade do litoral, da facilidade de encontrar alimento. Ou indo embora em busca de empregos nas cidades e melhores condições de saúde e educação. Ao contrário de outros povoados da região da morraria, há um crescimento populacional por conta desses novos moradores que ocupam áreas antes inexploradas ou compram terrenos de quem foi embora. Eles vêm de localidades de fora e de dentro do parque nacional. Um sítio pode custar até 5 mil reais.

A ocupação considerada de boa fé pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) aconteceu até a década de 80, quando não havia administração local e muitos não tinham conhecimento da criação do parque nacional. Essas pessoas têm os mesmos direitos que as populações tradicionais. Quem ocupou de má fé, depois desse período, não tem direito a nada. Nem ao termo de compromisso, contrato





No intervalo da pescaria, Elilda, Curió e os demais aproveitam a sombra da cabana para descansar e preparar peixes na brasa para o almoço. O *frito* de tarofo e carne de porco não foi suficiente.

transitório que legaliza as atividades de subsistência dos moradores em área protegida. Adriano Souza, o chefe do parque, não sabe se algum dia o Ministério do Meio Ambiente vai aprovar a assinatura dos termos, previstos por lei. Se isso acontecer, ele não sabe como serão tratadas as famílias tradicionais que migraram para outros povoados da área protegida a partir dos anos 90.

**A**inda num disseram qual é a profissão daqui? Quem pergunta é Maria do Cazuza, de 81 anos, uma senhora bem magrinha que ao sentar cobre as pernas com um pano branco de cozinha. *Uns pescam, mas tem uns aqui que a profissão é só meter a mão no buraco pra tirar caranguejo. E outros bebe tiquira pra danar.*

Em 1953, ela se casou e foi morar no Mairi com a família do marido, os Lira de Oliveira. Perto da praia era mais fácil de arranjar o *cumê*. Era um lugar sem dono, avulso, com um matagal medonho. *Aqui no Mairi tinha umas duas toquinha de índio. A gente ia indo pelas varedinha e quando dava fé, via uma casa. Eles ficava até com medo quando vio gente. Só um bando de pretinho, gente muito morena. Era quase só uma família, porque tudo era Ferreira.*

A energia elétrica chegou só em 2006, dois anos depois que ela ficou viúva. Dona Maria lembra do marido toda vez que bebe água gelada. *Ele gostava do cumê fresco e não alcançou ter energia. Morreu e nunca usou geladeira. Ele não teve a sorte de passar por essa felicidade que ele queria tanto.*

Ela criou uma teoria sobre a instalação de rede elétrica em lugares isolados como o Mairi. *Acho que*



*o mundo tá pra se acabar. Se não é o mundo, é nóisi. Óia, desde piquena, uma velhinha contava uma história de uma aranha que ia introduzir o mundo tudinho de filho. Ninguém entendia o que era essa história, mas eu já pensei que a aranha é a energia, porque tá enchendo o mundo tudinho de filho e tudo dá fogo. E quando pega fogo, nós num morre tudinho?* Hoje ela mora com a filha única e uma neta que voltou de São Luís para cuidar da vó e da mãe.

A fatura de peixe que fez com que os Lira de Oliveira e tantas outras famílias se mudassem para o Mairizinho também atrai barcos de pesca de arrastão. Há quinze anos, apareceram os primeiros com casco de ferro e de grandes empresas do Ceará. *Aí começaram a denunciar eles*, conta José Ribamar, o capataz da Colônia de Pescadores de Primeira Cruz. *Porque esses destruíam mesmo, era só máquina grande. Eles se afastaram, passou um tempo e apareceu esses outros que é de casco de madeira, mas destrói também.* Riba, de 44 anos, também é presidente da Associação de Moradores, professor de geografia e ocupa uma cadeira do Conselho Consultivo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

O conselho, previsto por lei desde 2000, está em formação. Participam representantes do poder público e da sociedade civil. O objetivo é aumentar a participação dos moradores, políticos e consultores técnicos nas decisões relativas ao Parque, mas a palavra final ainda é do gestor Adriano Souza, do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). Os moradores do Mairizinho eram maioria na reunião em que Riba foi escolhido membro. A principal reclamação deles era sobre a pesca de arrastão.

*De primeiro, aqui era muito bom de peixe. A gente via o peixe nadando, corrente por cima, agora não vê nenhum só deles espantar. Tanto eles pego quanto espantado, reclama Deusdetti, pai de Elilda e dono de um dos maiores comércios do povoado. Os moradores nunca denunciam os barcos de fora. A relação entre eles é cordial. Os meninos do Sergipe uma vez foram lá pra casa, aí no assado eu dei farinha pra eles e disseram: “Não, siô, a gente num come isso não”. Eles comero o peixe assado foi com bolacha e manteiga.*

A mãe dele é a suplente de Riba. Antes de aceitar a cadeira no conselho, dona Luzia, de 65 anos, questionou se a fiscalização iria *improvocá os pescadores do Mairi. Se fosse pra eles improibir os pescador daqui, eles que improibisse os arrastão. Porque tão acabando com tudo. Com poucas horas, a gente fica sem nenhum peixe pra comê.* Adriano disse que as práticas de pesca tradicional seriam respeitadas e explicou que os próprios moradores deviam ser fiscais do meio ambiente.

*E eu não me alembrei dos mato que tão acabando, num disse pra eles. Os mato do Mairi tão se acabando. Eles tão tocando fogo no mirinzal, no murici. Eles tão*

*cortando pra fazer caêra [carvão]. Se eu tiver com saúde, eu vou na próxima reunião e vou discutir isso.* Pergunto de onde vem o saco de carvão encostado no fogão de barro. Ela comprou de alguém no Mairizinho o combustível feito dessas mesmas árvores.

Gracireis notou como os pés de murici e mirim estão desaparecendo desde 2008. Ela se mudou aos sete anos para São José de Ribamar, na grande São Luís, e voltou ao Mairi para assumir o cargo de diretora da escola. Essas frutas costumavam ser fonte de renda para o povoado. *Hoje tem que sair quatro hora da manhã pra quando dá sete a gente encontrar algum pé. Porque os pé próximo eles tocaro fogo, cortaro. Eles não têm consciência do que eles tão fazendo.* Ela sabe que precisa trabalhar a educação ambiental com as crianças para isso não acontecer no futuro, que os adultos nunca tiveram essa conscientização. *Quando a gente vê que eles corto porque é uma precisão deles, a gente entende. Mas acho que fazem por maldade. Ontem mesmo tocaram fogo numa grande área de mirim.*

**D**ona Luzia é uma senhora morena de cabelos bem pretos, tem as unhas compridas e pintadas de vermelho. Nasceu em Betânia, povoado localizado na cidade de Santo Amaro, se mudou para o Mairi com os cinco filhos quando se casou pela segunda vez. Ela sente falta do peixe de água doce, mas come com gosto a tainha, a corvina e a pescada. Sempre com muita farinha.

*Aqui é muito bom, aqui eu tô despreocupada. Quando dá fé, um filho anda pescando. Em vez de eu comprar, eles mando pra mim. Graças a Deus a gente vai na cabana de um pescador, pede dois quilos de peixe e ele diz: “Táqui, né nada não, leve pra senhora almoçar”. Eu não me lembro que eu comprasse peixe aqui, só carne.*

Hoje está separada e mora apenas com a neta mais velha numa casa de tijolo e telha, como a maioria das residências de Mairizinho. Há uma caixa d'água que abastece o chuveiro e a pia da cozinha, mas a louça ainda é lavada no jirau do lado de fora da casa. O arroz é feito no fogão a gás e o peixe, no carvão. Na mesa de jantar, há sempre uma garrafa plástica com água congelada. Em poucos minutos, o gelo começa a derreter e, assim, elas não precisam ir até a geladeira toda vez que sentem sede. A televisão, a antena, o freezer, tudo foi comprado com o dinheiro da aposentadoria pela Colônia de Pescadores. Ela tinha também uma máquina de lavar, mas mandou para o conserto e nunca mais devolveram a lavadora.

Elilda, de 22 anos, foi criada desde pequena pela vó e ajuda a cuidar da casa. Terminou o ensino médio no povoado de Areinhas e fez cursos de computação em São Luís. Vê novela de vez em quando e gosta de escutar *reggae* no celular. Enquanto uma de suas irmãs

mais novas já casou e teve quatro filhos, Elilda não quer engravidar tão cedo. A ideia dela é arranjar um emprego na capital, mas dona Luzia não aceita que a neta vá embora.

*Quando ela sai daqui de casa, eu passo é três dia doente. Dai de três dias em diante que eu vou me equilibrando, que eu vou me esquecendo. Que ir se empregar, vá. Mas num me ligue não pra dizer que tá ligando pra saber como é que eu tô.* Os filhos de Luzia são vizinhos da mãe e a visitam várias vezes ao dia, mas a possível mudança de Elilda é motivo de briga na família.

*Eu num posso varrê casa, eu num posso lavar roupa. Tem dia que eu tô mió, tem dia que eu tô pió. É aquela coisa, eu num posso varrê um terrero, eu varro assim os pedacinho. Toco fogo logo, que eu tenho raiva destas folhas dentro de casa, mas não acaba. Acaba só se eu cortar os pé de cajueiro e eu não quero cortar que é uma sombra que a gente tem ali por debaixo.*

Dona Luzia sai pouco de casa porque tem dificuldade de andar na areia do Mairi. Vai mais vezes a Primeira Cruz ou a São José de Ribamar do que na casa dos *cumpadres*, mas só viaja de Toyota se for no banco do passageiro. Ela sempre recebe a visita de seus filhos, de seu ex-marido e de alguns amigos mais próximos. Na última semana de setembro, todo o povoado comentava sobre a festa das senhoras da igreja evangélica que haveria no final de semana.

*Se eles vêm me convidá, eles são doído. Eu num gosto de igreja de crente não. E nem lá eu num vô porque eu num boto a viagem, nessa areia. Eles num me esperem nunca, que eu num vou.* Elilda nem dava fé para a reclamação da vó, que é católica. O festejo aconteceu no sábado com gente de Caeté. Dona Luzia foi convencida a ir quando sua filha lhe disse que haveria carona. Na boca da noite, estava pronta e foi. Teve jogo de futebol entre os times dos povoados (empate de 1x1), culto e muita conversa.

**N**uma tarde de outubro com muito vento, dona Luzia colocou fogo no cajual ao lado de sua casa para limpar o terreno e procurar castanhas caídas no chão. O neto Deilson fazia montes de folhas mortas com a ajuda do gadanho. Ela encheu metade de um cofo com o fruto. No ano passado, ela vendeu 250 quilos de castanha crua. Cada quilo custa um real.

A fumaça acordou Carrinho. O ex-marido de Luzia é da família dos Ferreira e filho do velho Marcolino, um dos primeiros moradores a chegar no Mairi. Carrinho foi até lá para ver o que estava acontecendo. Sentou em um tronco retorcido e começou a falar sobre o lugar deles, um lugar bom, que antes tinha mais fartura. *Existe dois problemas nessa terra. O bolsa-família deixou esse povo acomodado. Agora que o go-*



Dona Luzia, nascida no povoado de Betânia, incrementou o feijão comprado na cidade com o colhido em seu quintal.

*verno paga pro povo fazê filho, não se vê mais plantação de abrobinha, melancia, de nada. E o outro problema é esse estirão que as criança queima os pé quando sai do colégio onze hora pra ir pra casa. Uns diz que pode fazer o calçamento, outros diz que não pode...*

A aula matutina deveria terminar às 11h15, mas os alunos são liberados no máximo às 10h30 para evitar que eles caminhem pela areia quente. Quase não tem árvores na rua principal. *Antes de ter carro pra rodar, aqui, era até bom pra andar. Mas a Toyota passa aí e a areia soltou demais. Eu pelo menos não tenho condições mais de andar pelo Mairi,* conta Louro Santo, de 60 anos, vereador de Primeira Cruz desde o começo do ano. A família dele é de um povoado na região de Bar-

reirinhas, mas se mudaram para o Mairizinho quando Louro tinha oito anos. O apelido ele tem por causa do albinismo. Naquele dia, visitava dona Luzia vestido de calça, camisa azul escura de manga comprida, chapéu de palha e óculos escuros.

São necessários mais de 20 minutos para percorrer toda a rua principal. A areia é muito solta, o pé afunda. Há lixo e cacos de vidro espalhados pela via. Uma das professoras usa um sapato de salto plataforma para não encostar na terra quente. Ela anda com cuidado e consegue não queimar o pé. Quase ninguém sai de casa entre 11h e 15h. *O sonho da comunidade é ver isso aí calçado, aí surgiu a história de que não pode porque nós tamo dentro do Parque dos Lençóis. Segundo as informações que a gente teve de Travosa, a obra já tinha começado e foi embargada*, explica Bina, irmão de Louro Santo.

A Travosa é um povoado a duas horas de distância do Mairi, mais próximo da morraria. São quase mil habitantes. A prefeitura de Primeira Cruz foi multada por construir uma praça e pavimentar uma rua sem pedir a autorização do Instituto Chico Mendes. Depois do embargo, os responsáveis não apresentaram defesa ou solicitaram o prosseguimento da obra.

Lucimar Pereira, suplente na Câmara de Primeira Cruz, acompanhava a visita de Louro ao Mairizinho. *Um calçamento desse eu acredito que ia ter um impacto ambiental se viesse máquinas ou se tivesse a questão do piche. Mas esse bloquete de cimento que vai ser feito não tem dano nenhum. Não vai jogar resíduo fora, no rio ou mesmo no mato.* A questão é semelhante a qualquer construção na área de preservação ambiental. A obra só não pode ser construída sem a permissão da administração do parque.

*Se eles estão precisando de um calçamento por questões básicas de direitos humanos ou até para melhorar o acesso a saúde e educação, têm que pedir autorização pra gente ver como e onde ele vai ser feito. A princípio não pode. Agora se existe uma comunidade que mora lá há muitos anos, a gente vai analisar e provavelmente vai até autorizar*, explica Adriano Souza, o chefe do parque. Os moradores não levaram a demanda pela pavimentação em nenhuma reunião do Conselho Consultivo realizada até agora. A obra seria permitida com algumas condicionantes. Levando em conta o escoamento da água, por exemplo, para fazer o calçamento de tal forma que não impactasse o meio ambiente.

*O calçamento eu não garanto vir, eu garanto que consegui 100 mil reais com um deputado na Assembleia Legislativa pra fazer só essa via principal, discursa Louro Santo. Eu vou em São Luís na Sinfra [Secretaria de Infraestrutura], num é meu papel procurar, mas eu vou pra pedir uma informação.* Ele ignora que a obra depende do Instituto Chico Mendes, em Barreirinhas.

A crítica de Lucimar Pereira ao Ibama, como os moradores se referem ao ICMBio, é que o órgão fecha



A areia da rua principal de Mairizinho fica quente porque não há sombras pelo caminho. Poucos saem de casa na hora em que o sol está mais forte.

os olhos para algumas situações. *Em Santo Amaro, as pessoas que moram lá, os centenários, são proibidos de fazer um bucado de coisas, mas aí o doutor vem lá de São Luís, compra uma área lá na beira do rio, faz sua bonita casa, sua piscina, faz tudo. Cadê o Ibama nesse momento? Vem proibir um calçamento desse pra população.* A sede de Santo Amaro fica a dois quilômetros da demarcação oficial do parque, mas desde a praça principal se vê o campo de dunas.

*Santo Amaro não tá no parque? Isso aí eu não entendo.* A ideia entre os moradores é que onde há dunas, é área protegida. *A distância daqui pros Lençóis Maranhenses é muito grande. Areinhas tá dentro, né?* Não está, mas há morros perto desse outro povoado.

Os habitantes da região da morraria e seus representantes desconhecem aspectos técnicos e a legislação relativos ao parque. De outro lado, os dois funcionários públicos que trabalham no Instituto Chico Mendes não têm muitas informações sobre as 42 comunidades que existem ali. Adriano Souza, o chefe, está esperando a homologação do Conselho Consultivo e prevê que a reunião de posse deve acontecer em janeiro. A ideia é, depois de definir o regimento interno do órgão, atualizar o Plano de Manejo, de 2002. Dessa vez com a participação dos maiores interessados, os moradores.



Mesmo que os novos tetos sejam feitos de telha, o hábito de guardar objetos enfiados entre a madeira continua como se ele ainda fosse de palha. É o lugar ideal para colocar tesouras, facas e a escova de dente.



Dona Luzia recolhe os cajus de seu terreno por causa das castanhas. Ela vendeu 250 quilos do fruto no ano passado, e cada quilo é vendido a um real. A polpa é aproveitada como comida para os porcos.



A maioria das famílias têm sua própria caixa d'água. Essa era compartilhada por dez casas.



Há um orelhão no povoado, mas os comércios não vendem cartão telefônico. Todos os moradores têm celulares conectados a antenas.



Deilson, neto de dona Luzia, ajuda a avó a colocar fogo no terreno do cajal em busca de castanhas escondidas entre as folhas secas. Nessa tarde, encheram apenas metade de um cesto com caju e castanha.



Cais de onde partem os barcos que pescam em alto mar ou na praia da Barra da Baleia. O canal é paralelo à rua principal do povoado.



Nesse sábado, Deusdeti e seus cumpadres fizeram a contagem do pescado na casa de dona Luzia, depois de dois dias no mar. O peixe é vendido no próprio povoado, na cidade de Humberto de Campos ou em São José de Ribamar, na Grande São Luís.



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**JORNALISMO UFSC**

Dezembro de 2013

Aluna: Luisa Pinheiro  
Orientadora: Daisi Vogel